

Nuno Ricardo Ferreira

(Aluno do Mestrado em Estudos Anglo-Americanos, Faculdade de Letras da Universidade do Porto))

Citação: FERREIRA, Nuno Ricardo, " Nos interstícios do silêncio: como se (contra)diz a palavra em *Island*, de Aldous Huxley", *E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia*, n.º 6 (2007). ISSN 1645-958X.

<<http://www.letras.up.pt/upi/utopiasportuguesas/revista/index.htm>>

la loi de l'homme est la loi du langage
Jacques Lacan, *Écrits*

Introdução

No final de *Literature and Science*, último ensaio de Aldous Huxley, datado de 1963, um ano após a publicação de *Island*, o autor de *Brave New World* expõe o que para si seria um ideal estético que, em certo sentido, se aplicaria também como visão de arte e do mundo. Este último, isto é, a realidade que conhecemos, para ser apreendido, não poderia depender exclusivamente da linguagem que o define, mas também da *verdade* que o método científico possibilita:

That the purified language of science, or even the richer purified language of literature should ever be adequate to the givenness of the world and of our experience is, in the very nature of things, impossible. Cheerfully accepting the fact, let us advance together, men of letters and men of science, further and further into the ever expanding regions of the unknown. (*apud*. Nugel, 1995: 242)

Esta formulação de Huxley pode aplicar-se sem qualquer dúvida a *Island*, o seu último romance. Em Pala, ilha do Pacífico onde se passa toda a acção da obra,¹ procura-se a compreensão ou o entendimento do mundo ("understanding"), não tanto o conhecimento ou erudição dele ("knowledge").² Em *Adonis and the Alphabet*, ensaio de 1956, Huxley explica a diferença:

Knowledge is always in terms of concepts and can be passed on by means of words or other symbols. Understanding is not conceptual, and therefore cannot be passed on. It is an immediate experience, and immediate experience can only be talked about (very inadequately), never shared. (*apud*. Bode, 1995: 323)

Conclui-se que o conhecimento apenas pode ser transmitido pela palavra, enquanto que, para atingir o entendimento do mundo, um estado mais elevado e íntimo de percepção, o sujeito tem que se ausentar da palavra, socorrendo-se meramente de um contacto próximo com a própria realidade. Em *Island*, os habitantes de Pala excluem, como Huxley proporia mais tarde, a hipótese de a palavra, ou, num termo mais lato, a linguagem, poder servir de meio para atingir a *verdade*. Ou, pelo menos, excluem-na em dados momentos, o que torna a conduta destes habitantes incoerente com outras práticas suas, e também desajustada à própria realidade. Esta última apenas pode ser representada pela linguagem, o que implica que quando é formulada surge já outra, a que a própria linguagem constrói. Assim, faz todo o sentido falar também de uma contradição da própria linguagem, pois esta *contradiz* (isto é, contraria) a própria realidade que enuncia.³

Este trabalho tem como objectivo primeiro mostrar a posição ambivalente que os palaneses têm relativamente à linguagem; na verdade, se para eles por vezes a palavra é importante, outras vezes ela é-lhes adversa. O trabalho visa ainda mostrar que também a própria linguagem adquire contornos paradoxais, pois ao mesmo tempo que diz o mundo, nega-o. Procura, por fim, demonstrar que Aldous Huxley promove, em *Island*, ideias que avança em outros passos da sua obra, nomeadamente em ensaios. Essas formulações também não deixam de ser paradoxais, se atendermos a vários momentos

da sua carreira. Com efeito, mesmo em *Island* essas posições contrárias são notórias, ou, pelo menos, são ilógicas, no sentido em que à linguagem se associa o que lhe é indissociável, o silêncio. Será por se dedicar a este que a civilização de Pala se dissipará, no final da obra, no olvido do tempo, sucumbindo perante o poder de quem pratica a palavra. Mesmo em *Island*, Huxley não está certo de si, visto que o que promove não se concretiza.

I — Contra a palavra. A favor da palavra.

Um dos casos mais notórios da pouca importância dada à linguagem em Pala é o que releva da literatura, indubitavelmente o maior exemplo da afirmação da palavra e, provavelmente, do próprio conhecimento do mundo. Depois de tratado por habitantes de Pala, Will Farnaby⁴ visita a ilha. Numa das visitas, Will conhece a bibliotecária, Leela Rao, que, juntamente com este posto, desempenha outros: “This is Leela Rao,” said Vijaya. “Our librarian, secretary, treasurer, and general keeper-in-order. Without her we’d be lost.” (216). Repare-se que a bibliotecária não o é somente, o que implica que aos livros não é dada a importância que estes supostamente mereceriam. De facto, Pala não é um local que acolhe a literatura. A mesma Leela-Rao, adiante, diz a Will Farnaby: “If you knew,” she was saying, “what trouble we have with books in this climate! The paper rots, the glue liquefies, the bindings disintegrate, the insects devour. Literature and the tropics are really incompatible.” (217). Will, irónico, responde de imediato, aludindo não só ao passado mais remoto de Pala, mas também ao mais que certo futuro, isto é, referindo-se a Old Raja e Colonel Dipa, respectivamente:

“And if one’s to believe your Old Raja,” said Will, “literature is incompatible with a lot of other local features besides your climate — incompatible with human integrity, incompatible with philosophical truth, incompatible with individual sanity and a decent social system, incompatible with everything except dualism, criminal lunacy, impossible aspiration, and unnecessary guilt. But never mind.” He grinned ferociously. “Colonel Dipa will put everything right. After Pala has been invaded and made safe for war and oil and heavy industry, you’ll undoubtedly have a Golden Age of literature and theology.” (217-218)

Passado e presente fundem-se no aviso de Will, personagem perspicaz que sabe dos intentos do ditador Colonel Dipa, governante de traços hitlerianos do território próximo de Rendang-Lobo, que pretende invadir e tomar para si e para petrolíferas estrangeiras o controlo de Pala. Os habitantes mais proeminentes da ilha sabem que Dipa se tem apetrechado para invadir Pala, com o beneplácito do quase adulto Murugan Mailendra, herdeiro da linhagem de Old Raja que, juntamente com a sua mãe, formam o par que desestabiliza os ideais dos palaneses, embora estes não tenham dado nunca grande caso dos monarcas. Também a Dipa não dão grande relevo, embora saibam que ele, brevemente, pode tomar uma atitude hostil. A alienação destes habitantes começa a ganhar contornos evidentes, e o aviso de Will não é entendido: o futuro, relacionando curiosamente um ditador com a literatura, engolirá o passado total da ilha. Dipa tem a palavra e, como já se disse, é comparado a Hitler, cuja retórica possibilitou o fortalecimento e estabelecimento dos seus ideais: “With a purple, distorted face and at the top of a voice that he [Dipa] has trained, after long practice, to sound exactly like Hitler’s. Greater Rendang or death!” (131). Dipa, como se vê e é reconhecido por Dr. Robert MacPhail, um dos mais notáveis homens da ilha, treina a voz, ou, tão-somente, a palavra. Mesmo sendo um ditador e um homem de armas, Dipa reconhece a importância da linguagem para *saber* e dominar o mundo.

Em Pala, não há lugar para a literatura ou para a arte, o que implica que a representação do mundo e mesmo a tentativa de atingir o conhecimento deste não é prática dos seus habitantes. Sir Frank Kermode, que não gostava de Huxley enquanto escritor, explica bem a atitude dos palaneses: “This kind of society has to get along without art, since nobody is unhappy enough to make any, and the book reflects this state of affairs” (Kermode, 1962: 454). Sem arte ou sem literatura, Pala apenas pode ficar reduzida ao silêncio, a um estado de existência nulo:

“Where would the arts have come in?” Will questioned.
“They wouldn’t come in at all,” Dr. MacPhail answered. “And that was my father’s blindest spot — poetry. He said he liked it; but in fact he didn’t. Poetry for its own sake, poetry as an autonomous universe, out there, in the space between direct experience and the symbols of science — that was something he simply couldn’t understand.” (136)

Curiosamente, é o mesmo Robert MacPhail que, numa ocasião posterior, dirá que Pala tem literatura, e que ela até se deve ao seu ascendente, Andrew MacPhail:

Every writer needs a literature as his frame of reference; a set of models to conform to or depart from. Pala had good painting and sculpture, splendid architecture, wonderful dancing, subtle and expressive music — but no real literature, no national poets or dramatists or storytellers. Just bards reciting Buddhist and Hindu myths; just a lot of monks preaching sermons and splitting metaphysical hairs. Adopting English as our stepmother tongue, we gave ourselves a literature with one of the longest pasts and certainly the widest of presents. We gave ourselves a background, a spiritual yardstick, a repertory of styles and techniques, an inexhaustible source of inspiration. In a word, we gave ourselves the possibility of being creative in a field where we had never been creative before. Thanks to the Raja and my great-grandfather, there's an Anglo-Palanes literature (158)

Dr. Robert MacPhail, uma das principais figuras da ilha, é descendente de Andrew MacPhail, médico escocês e um dos dois fundadores da civilização de Pala. Nascida da simbiose dos ideais do budista Old Raja com os do médico europeu (que fica na ilha após ter salvo Old Raja da morte), a sociedade que Will Farnaby visita tem sensivelmente um século de história.⁵ Pala, formando um mundo à parte. Mas, como dizia o seu descendente, Andrew MacPhail não nutria apreço pela poesia enquanto fonte de conhecimento; assim se explicam algumas das contradições que caracterizam aquela sociedade desde a sua criação. Quando MacPhail e o Old Raja acordaram os ideais que iriam sustentar a ilha por muitos anos, um dos pressupostos iniciais baseava-se na linguagem: “agriculture and language. To bread and communication” (157).

Aos palaneses foi ensinada uma segunda língua, o inglês, que dominavam, inclusive, com toda a perfeição. No primeiro contacto com habitantes da ilha, Will Farnaby depara-se com uma jovem rapariga, descendente dos MacPhail, Mary Sarojini, que lhe fala num inglês perfeito e que, quase como um poeta, procura as palavras exactas: “Well...’ She searched for the *right words* in which to explain the self-evident to this strange imbecile” [itálico meu] (12). Neste primeiro encontro entre Will e um dos habitantes da ilha é desde logo notório que a linguagem é essencial para o modo de existir desta sociedade, pois o tratamento médico que é dado aos doentes baseia-se em grande parte na linguagem e nos efeitos desta nos pacientes, uma espécie de terapia psicológica: “Well, if you won’t do it yourself, I’ll have to do it for you. Listen, Will: there was a snake, a big green snake, and you almost stepped on him (...), and it gave you such a fright that you lost your balance, you fell. Now say it yourself—say it!” (14). Este tipo de tratamento havia sido implantado pelo ascendente de Mary Sarojini, que, como já aqui foi dito, salvou o Old Raja da morte. O transe em que MacPhail colocou Old Raja dependia, claro está, das palavras: “The important thing was to say that it would happen—so he said it, again and again.” (152): “I make an incision. You feel no pain, of course – not even the slightest discomfort. And now the underlying tissues are being cut and you still feel nothing at all.” (*ibidem*).

Curiosamente, o Old Raja é operado à garganta; no entanto, mesmo que tenha sido a “sua palavra” a ser salva, o governante não dará grande louvor à palavra, embora dela necessite para *se dizer*. O mais importante meio de transmissão de conhecimento em Pala é um livro da sua autoria, *Notes on What’s What, and on What It Might be Reasonable to Do about What’s What*, mas, paradoxalmente, é um livro que vitupera a linguagem, como se vê nos seguintes exemplos: “In religion all words are dirty words. Anybody who gets eloquent with Buddha, or God, or Christ, ought to have his mouth washed out with carbolic soap.” (41); ou: “Dualism... Without it there can hardly be good literature. With it, there most certainly can be no good life.” (215); ou ainda: “Faith is something very different from belief. Belief is the systematic taking of unanalyzed words much too seriously. Paul’s words, Mohammed’s words, Marx’s words, Hitler’s words—people take them too seriously” (43). Na verdade, a palavra, para o antigo soberano de Pala, é veículo impróprio que não condiz com a verdade nem a ela conduz. Para os habitantes da ilha, a palavra surge apenas como pretexto, como meio para um fim, e não como um fim de conhecimento: “‘It gets you somewhere,’ Vijaya⁶ elaborated, ‘not because of what the words mean or suggest, but simply because they’re being repeated.’” (221).

Importa notar que a relação que os habitantes desta ilha têm com a linguagem é paradoxal já que, embora não a cultivem, não deixam de a estudar. O problema está no propósito do seu estudo. Estuda-se a palavra não para saber dominar o código do mundo, mas para mostrar como ela é frágil:

Discouraging children from taking words too seriously, teaching them to analyze whatever they hear or read — this is an integral part of the

school curriculum. Result: the eloquent rabble-rouser, like Hitler or our neighbor across the Strait, Colonel Dipa, just doesn't have a chance here in Pala. (179)

A consequência deste tipo de ensino não podia ser mais negativa. A palavra é desconsiderada e, desse modo, não se perceberá que Dipa, o ditador que domina a palavra, tomará Pala.

Mas as contradições continuam. A palavra, mesmo que desconsiderada e tida como incapaz de transmitir adequadamente a realidade, é também treinada: "And meanwhile, of course, we've been giving the children systematically and carefully graduated training in perception and the proper use of language" (256). O método de ensino de Pala, que pretende chamar à atenção para a incapacidade da linguagem de transmitir correctamente a realidade, levará à afirmação do silêncio, à afirmação da negação do mundo.

II — Como (contra)dizer o mundo: "This poetry of silence."

Os habitantes de Pala, à semelhança do que o próprio Huxley defendera em alguns ensaios, almejavam atingir o entendimento do mundo, o que significava que o não podiam formular. Compreende-se a atitude: dizer é já desvirtuar, é apresentar um substituto da realidade. De certo modo, o que os palaneses pretendiam era, numa palavra, *ser* o próprio mundo.⁷ E para atingirem este estado místico, teriam de excluir a linguagem, pois cada palavra anula o seu referente.

Foi o linguista Ferdinand de Saussure quem, pela primeira vez, chamou à atenção para a arbitrariedade da linguagem. Segundo Saussure, a relação existente entre a palavra e a coisa nomeada é facultativa, o que implica dizer que a palavra, por não ser exacta, não corresponde à verdade: "O laço que une o significado ao significado é arbitrário, ou melhor, uma vez que entendemos por signo o total resultante da associação dum significante a um significado: *o signo linguístico é arbitrário.*" (Saussure, 1999: 124).

Aldous Huxley compreendia esta posição e, como tal, entendia que as palavras seriam agentes inadequados para transmitir qualquer verdade, quanto mais a primordial. Christophe Bode explicita bem o pensamento de Huxley:

About this Huxley is unequivocal: language is not an instrument fit to communicate the truth of the mystical experience. Since language is a symbol system designed by biological and cultural evolution to deal with everyday, temporal existence, it lacks the vocabulary and the grammar one needs to describe or express the mystical. Human language as it is is necessarily inadequate because it establishes a frame of reference radically at odds with ultimate Reality. (Bode, 1995: 320)

Jacques Lacan, psicanalista francês, corrobora as ideias de Saussure, indo contudo mais longe. Para o revisionista freudiano, a palavra mente o real, mas, porque o mente, cria um outro, precisamente o que conhecemos, pois tudo é linguagem; a percepção que o homem tem do mundo só é possível através da linguagem, o que equivale a dizer que o mundo que o homem conhece é aquele que a própria linguagem constrói. De certo modo, a palavra (contra)diz o mundo. Desse modo, faz todo o sentido a afirmação de Lacan: "C'est le monde des mots qui crée le monde des choses (...). L'homme parle donc, mais c'est parce que le symbole l'a fait homme." (Lacan, 1966: 276). Por outras palavras, é a linguagem que cria o mundo que conhecemos. O que também daqui se conclui é que a palavra merece toda a atenção pois o homem e o mundo são apenas pela palavra, e é a esta que o homem tem de atender se pretende descodificar a realidade. Por mais ilegítima que seja, apenas a palavra permite aceder ao contacto com o mundo, e é por isso que ela é essencial para se saber a existência. Huxley, em *Adonis and the Alphabet*, tem esta consciência: "it was language (...) that turned us into human beings and gave birth to civilization" (*apud.* Bode 1995: 321); já antes, noutra ensaio, *The Perennial Philosophy*, Huxley avançara: "[Words remain] the most reliable and accurate of our symbols" (*ibidem*), e desse pressuposto concluiria que o homem vive num mundo verbal.⁸

Chegado a este ponto, em que o autor de *Eyeless in Gaza* compreende bem a natureza da realidade e, mais importante, da linguagem, Huxley descura a palavra, porque em vez de procurar nela o caminho para a verdade (pois, de facto, só através dela se pode *ser*), assume-a como inibidora da sabedoria. Christoph Bode expõe deste modo os pressupostos de Huxley:

Language made us human, but it is only “by liberating ourselves from the tyranny of words” (AA⁹), by being constantly aware of the distortions and limitations imposed upon us by our “semantic prisons” (HS¹⁰) that we can hope to clear ourselves for the ultimate insight. Language is an obstacle that has to be surmounted, overcome and left behind. Thus, not only is language incapable of expressing the ultimate experience, but through its inbuilt idiosyncrasies it actually precludes knowledge. (Bode, 1995: 321)

Assim, Huxley tentará ir além da própria linguagem; tentará *afirmar* o mundo, mas através dum contacto imediato, sem a mediação da linguagem. Mas só poderá saber o mundo, *sendo-o*. Em *Island*, Huxley pratica o que propõe em alguns dos seus ensaios. Os habitantes de Pala tentam alcançar o entendimento do mundo, mas evadindo-se sempre das palavras. Apenas a experiência directa, uma espécie de contemplação mística, permitiria tocar a realidade no seu estado íntegro e puro. Mas para a atingir, os habitantes de Pala necessitam de uma droga, o “*moksha-medicine*”, uma invenção científica. Aqui fica claro que o homem, por si só, não consegue aproximar-se da realidade prístina, mas também que Huxley, em *Island*, aplica o que proporia em *Literature and Science*, como mostrámos no início deste trabalho, que a ciência era um dos caminhos para atingir o entendimento do mundo.

No entanto, no seu último ensaio, Huxley não dirá que apenas a ciência levará à revelação do mundo. Juntamente com a literatura, esta iluminaria o que para o homem surge alterado. A palavra é assim dada relevância fulcral na decifração do mundo. Mas como desta não se consegue descomplexar, Huxley, através das suas personagens em *Island*, propõe que se procure a realidade através de uma “poesia do silêncio,” que, a par do “*moksha-medicine*”, conduziria ao estado místico capaz de “produzir” essa mesma compreensão do mundo. O Dr. Robert MacPhail expõe estes princípios a Will Farnaby, declamando um poema de Susila MacPhail, a terapeuta de Will e a pessoa que está mais perto do jornalista durante toda a sua estadia. O último verso indica o propósito dos habitantes da ilha: “This poetry of silence.”¹¹

O próprio poema esclarece bem várias das contradições que acontecem em Pala. Desde logo, a existência do poema é paradoxal com a relevância que é dada nesta ilha à palavra, no que concerne à decifração da realidade. Poder-se-á pensar que Susila MacPhail, ao contrário dos outros habitantes, procura a palavra para se dizer, mas tal não passa de uma falácia. O último verso mostra que a voz que diz o poema é colectiva e não a de Susila porque “This poetry of silence” é uma linha condutora que rege toda a vida dos palaneses. Robert MacPhail, depois de declamar o poema, dirá: ““And not only this poetry of silence,” he said. “This science, this philosophy, this theology of silence.” (159). Mesmo a própria concepção de poesia do silêncio não se coaduna com qualquer palavra, pelo que o próprio facto de haver poema é já uma negação daquilo que está a ser proposto. É evidente que, aqui, a poesia do silêncio corresponde a um estado de revelação mística, mas o que importa relevar é que o silêncio é o modo de dizer nada, é uma omissão, enquanto que a poesia ou qualquer forma de arte é o modo de dizer o exacto, é a precisão. Jerome Meckier define bem o propósito de Huxley:

In *Island*, Huxley finally confronted head-on the paradox involved in enlisting words to promulgate a “wordless doctrine”. (...) The Palanese solution is to redefine mystical contemplation as a higher species of poetry, internal and silent by nature. From *Brave New World* on, poetry is steadily rehabilitated as a prefiguration of mysticism; on Pala, poetry *per se* practically evaporates, but the mystic is exalted as a superior kind of poet. (Meckier, 1995: 138)

O que Huxley pretende, portanto, é que se passe do poeta para o místico, pois este, aparentemente imune da linguagem, *comunicaria* melhor o mundo. O mesmo Jerome Meckier esclarece o trajeto estranho de Huxley: “he changed from a hit-man for the arts — poetry’s silencer, the poem killer — to the celebrant of silent poetry.” (Meckier, 1995: 141).

De facto, depois de Will Farnaby ter tomado o “*moksha-medicine*” e ter atingido a tal realidade espiritual por que os palaneses ansiavam, Susila MacPhail, a poetisa do silêncio que o acompanha em todo o processo, faz com que Will entenda que as palavras não são *precisas*.¹²

“Do you feel like telling me what’s happening?”
It was a long time before Will answered her. Speaking was difficult. Not because there was any physical impediment. It was just that speech seemed fatuous, so tottaly pointless. (326)

Will, que a partir de determinado momento vai ouvindo o silêncio musical de Johann Sebastian Bach, tentará formular a sua experiência. As palavras falham com todo o fulgor: “Eternity. (...) Believe it or not, it’s as real as shit.” (330). Susila MacPhail alegra-se do facto e do seu prodígio, mas, na verdade, é Will quem falha, mostrando-se como o poeta que nunca conseguiu ser. O homem está longe da realidade última, juntamente com a linguagem, mas apenas esta tem a força para comunicar o indizível. A atitude que Will toma posteriormente, seguindo os ensinamentos de Susila e dos guardiães de Pala, aderindo à pedagogia do silêncio, vai terminar na invasão de Pala. É durante o estudo do silêncio, o estado místico a que se pode chamar alienação da realidade, que a ilha será ocupada. O silêncio é um não-lugar, aquele que o mundo jamais aceitará e que subtrai ao homem a sua capacidade de afirmação.

Conclusão

Suspensos no efeito do “*moksha*-medicine”, os habitantes de Pala aspiram ao entendimento do mundo, um contacto imediato com a verdade fundamental. A palavra ameaçaria essa revelação, mas o silêncio não é opção. Tudo é inefável, mas a própria inefabilidade tem de ser dita, evitando-se desse modo o caos, porque o homem não vive sem *saber*. É por entre o estudo do silêncio que Dipa vai invadir Pala, ao lado do jovem Murugan. A ocupação acontece quando Will Farnaby se encontra em êxtase, provocado pela droga. Misturada com o som dos veículos bélicos, ouve-se uma voz, mostrando-se assim que a palavra está ligada à conquista e ao domínio do mundo. A voz que se ouve é a do efeminado Murugan; no entanto, ele é extremamente forte: “From the highway beyond the walls of the compound a roar of heavy vehicles climbing in low gear swelled up louder and louder. Over the noise, a voice at once stentorian and squeaky bellowed incomprehensibly through a loudspeaker.” (351). Ainda assim, o romance termina em tom de esperança para a velha civilização de Pala. A voz do conquistador vai esmorecendo, até não ser mais do que um “murmúrio desarticulado”, engolido pelos sons da natureza:

The roaring engines diminished, the squeaking rhetoric lapsed into an inarticulate murmur, and as the intruding noises died away, out came the frogs again, out came the uninterruptible insects, out came the mynah birds.

“*Karuna. Karuna.*” And a semitone lower, “Attention.” (354)

Os “mynah birds” são os pássaros que, por toda a ilha, vão dizendo palavras que lhes foram ensinadas. “Attention,” uma delas, é a palavra com que o romance fecha, mas também a primeira palavra de *Island*. Aliás, enquanto que a palavra humana se torna desarticulada, a do “mynah bird” surge articulada: “Attention,” a voice began to call, and it was as though an oboe had suddenly become articulate.” (1). Não deixa de ser surpreendente que a primazia de abrir e fechar o romance não seja dada a um homem, mas a um animal ensinado a memorizar palavras, e que as usa sem ter noção do que elas significam. O romance torna-se, assim, circular, fechando-se: quer a primeira quer a última palavra não pertencem ao homem, que perde o contacto com ela.

Mesmo assim, o homem não tem outra opção que não seja a de recorrer à linguagem. O silêncio enquanto método para adquirir o entendimento da realidade é uma utopia, e é através da alienação nele que Pala, ilha orgulhosamente isolada na busca do nada, perderá definitivamente contacto com o mundo. Jerome Meckier explica capazmente a conclusão a que Huxley chega:

Permanently viable utopia (i. e., the paradise without) remains unlike because hostile counterpoints inevitably intrude upon the interval investigation of silence, just as Huxley argued forty years earlier in “Leda” that the poet’s flights of fancy always end too soon. (Meckier, 1995: 139, 140)

Curioso é que Huxley, um ano após a publicação de *Island*, sustentaria, em *Literature and Science*, que o caminho a seguir para atingir a verdade do mundo passaria por onde os palanesees haviam falhado.

Obras Citadas:

Bibliografia primária

Huxley, Aldous (2002), *Island*, New York, Perennial Classics [1962].

Bibliografia secundária

Bode, Christophe (1995), “Epistemological Inconsistencies in Aldous Huxley’s Later Works”, in Nugel, Bernfried (ed.), *Now More Than Ever: proceedings of the Aldous Huxley Centenary Symposium, Münster 1994*, Frankfurt am Main, Peter Lang., 319-333.

Kermode, Frank (1997), “Review in *Partisan Review*, xxix” [1962], in Watt, Donald (ed.), *Aldous Huxley : the critical heritage*, London, Routledge.

Lacan, Jacques (1966), *Écrits*, Paris, Éditions du Seuil.

Meckier, Jerome (1995), “Aldous Huxley, from Poet to Mystic: The Poetry of Ideas, the Idea of Poetry”, in Nugel, Bernfried (ed.), *Now More Than Ever: proceedings of the Aldous Huxley Centenary Symposium, Münster 1994*, Frankfurt am Main, Peter Lang., 123-141.

Nugel, Bernfried (1995), “Aldous Huxley’s Revisions in the Final Typescript of *Island*”, in Nugel, Bernfried (ed.), *Now More Than Ever: proceedings of the Aldous Huxley Centenary Symposium, Münster 1994*, Frankfurt am Main, Peter Lang., 225-243.

Saussure, Ferdinand de (1999), *Curso de Linguística Geral*, Trad. José Victor Adragão, Lisboa, Dom Quixote.

¹ Excluindo as reminiscências das personagens.

² “Understanding of everything, but without knowledge of anything.” (*Island*, 325). A edição que utilizo é a da Perennial Classics (New York, 2002). Doravante, sempre que pretenda citar um passo da obra, limitar-me-ei a mencionar a página em causa.

³ E que também, de certa forma, anuncia.

⁴ Will Farnaby é a personagem principal de *Island*. Jornalista, porque poeta falhado (ou seja, um homem que não consegue dominar a palavra), é também um agente secreto de uma agência petrolífera que pretende instalar-se em Pala devido à riqueza dos seus recursos naturais.

⁵ A acção de *Island* decorre por volta do ano de 1960.

⁶ Vijaya é assistente de Robert MacPhail na “Agricultural Experimental Station” e também uma das figuras mais eminentes da ilha.

⁷ Vejamos como exemplo uma breve parte de uma lição dada em aulas para crianças: ““All separate,” [a teacher] said, “and yet all one. People, events, words — they’re all manifestations of Mind, of Suchness, of the Void. What Buddha was implying and what Mahakasyapa understood was that one can’t speak these teachings, one can only *be* them.” (267).

⁸ Cf. Bode, 1995: 320-321.

⁹ *Adonis and the Alphabet*.

¹⁰ *The Human Situation*.

¹¹ O poema pode ser lido no final do oitavo capítulo. Cf. Huxley, 1962: 158.

¹² Uso este termo com toda a pertinência, querendo significar não só “necessárias” como também “exactas”.